



GT 43. Etnografias da deficiência

Coordenador(es):

Adriana Abreu Magalhães Dias (UNICAMP)

Fagner Carniel (UEM - Universidade Estadual de Maringá)

Sessão 1 - Objetivações Corporalizadas e Deslocamentos Epistêmicos

Debatedor/a: Pedro Lopes (ESCOLA DA CIDADE - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo)

Sessão 2 - Movimentações e mutações no ativismo da Deficiência

Debatedor/a: Nádia Elisa Meinerz (UFAL - Universidade Federal de Alagoas)

Sessão 3 - Limites e Impasses nas Políticas Públicas

Debatedor/a: Natan Monsores de Sá (UNB - Universidade de Brasília)

O presente GT apresenta a temática da deficiência como uma experiência multidimensional e impulsionadora de inúmeros desafios de análise, e aceitaremos trabalhos sobre as relações entre deficiência e doenças raras e temas como classe, gênero, raça, ciclo de vida, condição de trabalho, cuidado, vida autônoma e interdições, de modo a refletir as variadas "narrativas da deficiência" e processos classificatórios. Serão, ainda, aceitos trabalhos sobre movimentos por políticas públicas para pessoas com deficiência e doenças raras nos temas de mercado de trabalho, educação, saúde, assistência social, serviços de apoio, incluindo assistentes pessoais, intérpretes de língua de sinais, entre outros. Gostaríamos, ainda, de receber reflexões sobre algumas provocações: a primeira se detém na discussão se a deficiência deve ser apenas objeto de estudo da Antropologia, ou sujeito dela. Privilegia-se nesse debate os trabalhos de pesquisadores/as com deficiência e/ou suas experiências de campo. A segunda refere-se à questão do desejo, seminal para enfrentar a negatividade histórica em torno do tema, haja vista a potência perturbadora, desestabilizadora e agitadora da categoria deficiência para a pesquisa e produção teórica. A terceira provocação diz respeito à questão Ontológica, e as relações entre o tema e outros como animais (ex. equoterapia, cães de trabalho e suporte), objetos (cadeiras de rodas, bengalas, pulmões de aço), tecnologias (fala computadorizada, smartphones), linguagens.

Pensamento esquartejado: memórias autoetnográficas de uma mulher autista e seu percurso acadêmico

Autoria: Flavia Neves da Silva (Secretaria Municipal de Educação de Salvador)

Este work apresenta minha caminhada como mulher autista em um curso de pós-graduação lato sensu em Educação em Gênero e Direitos Humanos e uma consequente análise sobre o que é ser uma pessoa autista? ao menos esta mulher autista? nos espaços do saber acadêmico. Tendo sido meu diagnóstico tardio, eu só me soube pessoa com deficiência aos 28 anos de idade e só tive a confirmação médica, que me confere acesso a quaisquer direitos, aos 30, há pouco mais de seis meses; a pós-graduação transcorreu dos meus 27 aos meus 29 anos, e eu não consegui concluir todos os pré-requisitos para a obtenção do grau de especialista. Os sucessos e os insucessos dessa caminhada estão intrinsecamente ligados a quem sou eu e a quem? é o mundo. Nesse sentido, assento-me sobre o arcabouço da autoetnografia para que, a partir do privilegiado ponto de vista subjetivo sobre a deficiência caracterizada pelo autismo, possa eu analisar as relações entre pessoa e acessibilidade no ensino. A autoetnografia é também um método científico, mas é mais do que isso; trata-se de uma crítica ao que está posto na academia, um modo de fazer ciência em que a subjetividade do pesquisador deixa de ser um problema e se torna um aspecto fundamental da pesquisa.



Entendo que essa subjetividade tem a contribuir porque, sendo todo ponto de vista a vista de um ponto, perspectivas nunca ou pouco faladas inauguram ou engrandecem discussões. Ademais, nutrida pelo seio do movimento da neurodiversidade, eu sou nós: autistas insubmissos ? e nós falamos por nós. A partir de tais posturas políticas e intelectuais, analiso uma realidade: ainda que tenha apreendido os conhecimentos necessários para me tornar especialista e tenha demonstrado potencial em campos específicos de avaliação, não pude cumprir todas as etapas formais que garantiriam o acesso ao diploma, como tem renitentemente¹ acontecido em minhas tentativas de me inserir no mundo por meio dos estudos e da pesquisa. Nesse sentido, busco delinear se e como certos aspectos educacionais tornam-se barreiras para a inclusão, ainda que se tratem de franco investimento no contrário (e esse não é o mérito da questão, esteja posto). Tudo isso só pode ser visto sem ignorar o pano de fundo de um generalizado desconhecimento sobre o autismo ? na academia, na clínica médica e na sociedade ?, o que traz, em cascata, problemas de acesso a direitos e inclusão.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: